

EDITORIAL

Gabriele Cornelli

É com grande prazer que apresentamos ao público o quarto número da revista ARCHAÍ, mais uma vez fruto do trabalho do Grupo Archaí, cujo compromisso continua sendo aquele de estudar interdisciplinarmente as origens do pensamento ocidental, com a intenção de re-escrever a história de nossas idéias e instituições em busca de uma visão mais compreensiva de “quem éramos nós” em nossas origens, para poder compreendermos “quem somos nós” hoje. O lançamento deste quarto número encontra no aniversário de 50 anos de Brasília, cidade onde a revista foi fundada, nos subsolos da Universidade de Brasília, um kairós de especial significado. Ao saber disso, o amigo José Ribeiro Ferreira, poeta e professor da Universidade de Coimbra, nos enviou o poema da grande poetisa portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen, intitulado exatamente *Brasília*, e que reproduzimos aqui a seguir:

Desenhada por Lúcio Costa Niemeyer e Pitágoras

Lógica e lírica

Grega e brasileira

Ecumênica

Propondo aos homens de todas as raças

A essência universal das formas justas

*Brasília despojada e lunar
como a alma de um poeta muito jovem
Nítida como Babilônia
Esguia como um fuste de palmeira
Sobre a lisa página do planalto
A arquitetura escreveu a sua própria paisagem*

*O Brasil emergiu do barroco e encontrou o seu
número*

*No centro do reino de Ártemis
– Deusa da natureza inviolada –
No extremo da caminhada dos Candangos
No extremo da nostalgia dos Candangos
Atena ergueu sua cidade de cimento e vidro
Atena ergueu sua cidade ordenada e clara como
um pensamento*

*E há nos arranha-céus uma finura delicada de
coqueiro*

(“Brasília”. In Geografia, 1967, p.80).

Brasília, filha de Pitágoras e de Platão, é grega.

Seríamos tentados em fazer uma exegese do poema para mostrar, de fato, quanto de grego e antigo, quanto de Atenas e Roma há no projeto de Brasília. Limitamo-nos a remeter para a memória de Hipódamo de Mileto, matemático, arquiteto e filósofo pitagórico do V século a.C., o mais famoso teórico do urbanismo grego, e o mais antigo de que se tem notícia. Suas plantas urbanas em “grade hipodâmica” apresentavam ruas largas e retas cortando-se em ângulos de 45 e 135 graus. Organizou sua cidade ideal em um sistema tripartido: o terreno se dividia em

seções destinadas à religião, a assuntos públicos e a assuntos privados; a cidade se organizava em seções separadas de artesãos, fazendeiros e soldados. Sim, a idéia de Brasília é tão antiga assim!

“D’una città non godi le sette o le settantasette meraviglie, ma la risposta che dà a una tua domanda” – diz Marco Polo, no romance *As Cidades Invisíveis* de Italo Calvino, ao Kublai Khan, Imperador de todo o Oriente, ansioso por conhecer as cidades de seu próprio Império pelas palavras do celebre navegador. Brasília, antes de mais nada, é uma resposta, mais do que concreta, concretista, à pergunta de sempre: como conciliar a geometria utópica, “ordenada e clara como o pensamento” – nas palavras da poetisa portuguesa – , com as formas de vida reais dos homens e mulheres que a habitam? Nós brasilienses vivemos no balanço em que se encontra toda a história do pensamento ocidental entre contemplar e viver: de um lado a cidade parece feita para ser contemplada, como uma obra de arte, do outro queremos vivê-la.

É nosso desejo que a revista ARCHAI, em sua busca incessante para compreender nossas origens antigas, possa contribuir para desvendar mais um pouco do mistério que a moderníssima Brasília representa: suspensa, como seus palácios, entre o céu e a terra, entre “essência universal das formas justas” e a “nostálgica caminhada dos candangos”.

